

EDUCAÇÃO FÍSICA INCLUSIVA E INTERCULTURAL: A ADAPTAÇÃO DO JOGO AFRICANO BORBOLETA AO AMBIENTE AQUÁTICO NA ESTAÇÃO CONHECIMENTO DE ARARI – MA

Joversina Martins de Sousa ¹
Wygna Salomão Berbare Martins ²

INTRODUÇÃO

A Educação Física, ao longo das últimas décadas, tem se consolidado como área do conhecimento que ultrapassa a dimensão biológica do corpo e passa a reconhecê-lo também como expressão cultural, social e histórica (BRACHT, 2005). Nesse sentido, práticas corporais vinculadas à ludicidade e à interculturalidade assumem papel relevante na formação de crianças e adolescentes, favorecendo aprendizagens significativas que integram aspectos motores, cognitivos e sociais. A valorização de jogos tradicionais de diferentes povos, sobretudo os de origem africana, contribui não apenas para o resgate de memórias culturais, mas também para a promoção de práticas inclusivas e dialógicas, sintonizadas com os princípios da diversidade e da equidade (SILVA, 2019).

Neste contexto, o presente trabalho apresenta uma experiência pedagógica desenvolvida na Estação Conhecimento de Arari – MA, por meio da adaptação do jogo africano Borboleta ao ambiente aquático. A proposta buscou integrar elementos culturais e motores, tendo como objetivos principais: valorizar a herança cultural africana, estimular o controle respiratório em ambiente aquático de forma lúdica, desenvolver o raciocínio estratégico e promover a socialização, respeitando as individualidades dos participantes.

A metodologia envolveu três etapas principais: uma roda de conversa sobre as raízes culturais africanas e as regras do jogo; a construção coletiva de um tabuleiro em tamanho ampliado, utilizando tatames EVA e peças feitas de garrafas PET recicladas; e, por fim, a vivência prática na piscina, na qual os grupos competiam em desafios respiratórios que determinavam as jogadas no tabuleiro.

Os resultados observados evidenciaram avanços no controle respiratório, aumento da atenção e concentração, fortalecimento da socialização e valorização da diversidade cultural. Além disso, destacou-se a participação ativa de adolescentes com Transtorno do

¹Doutoranda em Educação da Universidade Enber Christian University - jove10martins@gmail.com;

²Graduada pelo Curso de Educação Física pela Faculdade Santa Fé- wygna.berbare@estacaoconhecimentodearari.org.br.



Espectro Autista, o que reforçou a perspectiva de inclusão e o potencial do lúdico como mediador da aprendizagem (VYGOTSKY, 1991).

De forma sintética, a experiência demonstrou que a adaptação de jogos tradicionais africanos ao ambiente aquático constitui-se em estratégia inovadora e eficaz para articular cultura, inclusão e desenvolvimento motor, contribuindo para uma Educação Física mais crítica, significativa e integradora.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A atividade foi desenvolvida com crianças e adolescentes atendidos na Estação Conhecimento de Arari – MA, envolvendo diferentes faixas etárias, inclusive participantes com Transtorno do Espectro Autista.

A metodologia ocorreu em três etapas:

1. **Roda de conversa** sobre a origem e significado cultural do jogo africano Borboleta, suas regras e adaptações necessárias.
2. **Construção do tabuleiro** com tatames de EVA e peças produzidas a partir de garrafas PET recicladas.
3. **Vivência prática na piscina**, em que os grupos competiam em desafios respiratórios submersos, garantindo a vez de movimentar as peças no tabuleiro.

O acompanhamento pedagógico priorizou o respeito às individualidades, o estímulo à cooperação e a valorização da cultura africana.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Educação Física contemporânea amplia sua compreensão sobre o corpo, superando a visão estritamente biológica e assumindo-o como construção social, histórica e cultural. Para Bracht (2005), o corpo expressa a cultura, carregando sentidos produzidos nas práticas sociais. Essa perspectiva reforça a importância de inserir no campo da Educação Física manifestações corporais que resgatem identidades e memórias coletivas, como os jogos tradicionais africanos, em diálogo com a realidade dos estudantes.

A proposta também se ancora nos princípios da Educação Física inclusiva e intercultural, defendida por Silva (2019), que aponta a necessidade de práticas pedagógicas capazes de reconhecer e valorizar a diversidade cultural e garantir o acesso de todos, independentemente de suas condições físicas, cognitivas ou sociais. Dessa



forma, a atividade vivenciada contribuiu para visibilizar a herança africana e favorecer a inclusão de crianças e adolescentes em um espaço de cooperação e respeito.

Outro elemento essencial refere-se ao papel do lúdico no processo de aprendizagem, conforme discutido por Vygotsky (1991). O autor ressalta que o jogo possibilita a internalização de regras, estimula a imaginação, a atenção e a concentração, além de promover aprendizagens mediadas pela interação social. Nesse sentido, a adaptação do jogo Borboleta ao ambiente aquático ampliou o potencial pedagógico do brincar, integrando dimensões cognitivas, afetivas e motoras.

Paralelamente, cabe destacar os princípios do Esporte Educacional, que norteiam práticas voltadas à formação integral de crianças, adolescentes e jovens. Diferente do esporte de rendimento, o esporte educacional valoriza:

- a participação de todos, respeitando ritmos e possibilidades individuais;
- a cooperação acima da exclusão, priorizando o coletivo em vez da vitória a qualquer custo;
- o respeito às diferenças e à diversidade cultural;
- o desenvolvimento integral, contemplando aspectos físicos, cognitivos, sociais e éticos.

Ao transversalizar saberes e valores, o esporte educacional articula-se com outros conhecimentos, funcionando como instrumento de cidadania e inclusão social. Assim, quando integrado à perspectiva intercultural e inclusiva, contribui para que as práticas corporais deixem de ser apenas espaços de desempenho físico e se transformem em experiências formativas, capazes de fortalecer a autonomia, a criticidade e a convivência respeitosa.

Portanto, ao reunir as contribuições de Bracht (2005), Silva (2019) e Vygotsky (1991) com os princípios do esporte educacional, a experiência analisada demonstra que a Educação Física pode promover não apenas o desenvolvimento motor, mas também a valorização cultural, a inclusão social e a formação integral dos sujeitos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência pedagógica desenvolvida possibilitou avanços significativos nos aspectos motores, cognitivos e socioemocionais dos participantes. Um dos resultados mais evidentes foi a melhoria no controle respiratório em ambiente aquático, alcançado de forma lúdica, por meio dos desafios que antecederam as jogadas no tabuleiro. Esse



aspecto confirma a importância da ludicidade como recurso pedagógico para a aprendizagem, tal como defende Vygotsky (1991), ao destacar o papel do jogo na mediação de novas competências e na ampliação das capacidades dos sujeitos.

Outro ponto relevante refere-se ao desenvolvimento da atenção, da concentração e do raciocínio estratégico. Durante as partidas, os alunos eram desafiados a pensar coletivamente, elaborar jogadas e respeitar as regras previamente estabelecidas. Essa dimensão evidencia que o jogo, ao articular a cooperação e a competição, constitui-se em espaço privilegiado para a construção de aprendizagens sociais, reafirmando a perspectiva de Bracht (2005) de que o corpo não deve ser compreendido apenas como organismo biológico, mas como expressão cultural e histórica em constante interação com o meio.

A proposta também favoreceu a valorização da diversidade cultural, uma vez que a adaptação do jogo africano Borboleta possibilitou reconhecer e ressignificar elementos da herança africana no contexto da Educação Física. Essa prática vai ao encontro do que aponta Silva (2019) ao propor uma Educação Física inclusiva e intercultural, capaz de reconhecer diferentes matrizes culturais e integrá-las ao processo educativo.

Além disso, destacou-se a participação ativa de adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA), que foram plenamente inseridos nas atividades e respeitados em suas individualidades. O ambiente de respeito, empatia e cooperação criado durante as vivências fortaleceu a socialização entre os grupos, evidenciando que práticas inclusivas, quando mediadas pelo lúdico e pelo diálogo cultural, ampliam as possibilidades de aprendizagem e de convivência harmoniosa.

Portanto, os resultados confirmam que a integração entre cultura africana, ludicidade e práticas aquáticas pode potencializar aprendizagens múltiplas, reforçando a relevância de uma Educação Física crítica, inclusiva e intercultural, como defendem os autores que fundamentaram este estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A adaptação do jogo africano Borboleta ao ambiente aquático mostrou-se uma estratégia inovadora e eficaz para integrar aspectos culturais, motores e sociais em um mesmo processo pedagógico. A experiência evidenciou que a Educação Física, quando pautada na interculturalidade e na inclusão, contribui para o desenvolvimento integral dos sujeitos e para a valorização de diferentes expressões culturais. Assim, o trabalho reforça



a importância de metodologias que articulem ludicidade, diversidade cultural e inclusão social, ampliando as possibilidades educativas no âmbito da Educação Física escolar e comunitária.

Palavras-chave: Educação Física; Cultura Africana; Inclusão; Respiração Aquática; Ludicidade.

REFERÊNCIAS

BRACHT, V. **Educação Física e aprendizagem social**. Campinas: Autores Associados, 2005.

SILVA, A. R. **Educação Física inclusiva e intercultural**. São Paulo: Cortez, 2019.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

